

a meditação acerca da objectividade (da realidade, da moralidade, da cultura, da ciência, da beleza), situa-se nas esferas da razão, da vontade e do sentimento (a verdade, o bem e a beleza).

Segundo o autor, o estudo de Kant tem um interesse histórico e actual. Ao descrédito da filosofia provocado pelo positivismo e cientismo oitocentista seguiu-se o «retorno a Kant». As ciências foram-se separando da filosofia e, se a filosofia já não pode restabelecer a unidade a partir dos objectos, pode fazê-lo a partir do conhecimento. O objecto da filosofia não é o mundo, mas o nosso conhecimento do mundo. A filosofia como teoria do conhecimento tem neste seu objecto e problema próprio. O problema filosófico especifica-se nas três grandes perguntas: que é o conhecimento (a ciência), que é a moralidade, que é a arte. O epílogo da obra termina com estas palavras de adesão: «Kant fixou o problema da filosofia no seu próprio e inconfundível sentido; a filosofia continuará respirando o espírito de Kant: espírito de precisão, de método, de exactidão, espírito de humanismo.»

A. SEPÚLVEDA

AA.VV., **Messianismo Português**, col. «Perspectivas», Fundação Lusíada, Lisboa, 2005, 84 p., 190 x 120, ISBN 972-9450-45-5.

Na oportunidade do centenário da publicação de *O Encoberto* (1904) por José Pereira de Sampaio (Bruno), a revista *Teoremas de Filosofia*, ligada à tradição do que se considera uma «filosofia portuguesa», promoveu a realização de um Colóquio sobre a temática do messianismo português, o qual teve lugar na Casa Municipal da Cultura, em Coimbra, em 23 de Outubro de 2004.

Além de uma nota de abertura de Joaquim Domingues, o livro contém comunicações ali apresentadas sobre o messianismo celta português (Pedro Sinde), *O Encoberto* de Bruno (António Telmo), messianismo cristão português (Carlos Aurélio), além de alguns poemas atinentes de Eduardo Aroso. No conjunto, oferece um contributo apreciável, embora modesto, para a interpretação de um sentimento que, sendo universal, tem na nossa alma lusíada uma tonalidade muito particular.

JORGE COUTINHO

COSTA, Dalila Pereira da, **Contemplação dos Painéis**, Lello Editores, Porto, 2004, 140 p., 250 x 185, + extra-texto, ISBN 972-48-1841-1.

Perdoe-me o leitor a inclusão deste livro nesta secção de filosofia. Na realidade, trata-se de um texto complexo que, todavia, é conduzido, de princípio ao fim, por uma fundamental intenção de interpretação e um grande poder de especulação, como aliás é do estilo de Dalila Pereira da Costa, incidindo, desta vez, sobre os enigmáticos «Painéis» atribuídos a Nuno Gonçalves e patentes no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. E daí resulta, de facto, uma espécie de filosofia da história e do ser português, em modo de filosofia hermenêutica.

Se interpretar é pôr-se à escuta do que nos diz a linguagem do que quer que seja e qualquer que ela seja, extraindo do dito o não dito que todavia está dito mas não expresso, carecendo como tal do exercício de desvelamento do que está velado, a ilustre Autora destas páginas fez aqui, efectivamente, um verdadeiro exercício de hermenêutica. Neste caso, escutar significa

olhar. Olhar em esforço de ver com olhar penetrante de Sibila quanto de invisível para olhos profanos oferece o enigma dos enigmáticos «Painéis». E mais. Dado que, aqui, o enigma é da obra de arte em relação à profunda intenção do seu autor, mais fundo e indecifrável se anuncia nele o mistério que neles se adivinha querer ser dito pelo mesmo autor, sendo este mistério em relação ao ser e à história de Portugal na sua ligação com um transcendente designio divino ao qual aquela história apenas obedece, na linha do que disse Pessoa: «Todo o começo é involuntário. / Deus é o agente, / O herói a si assiste, vário / E inconsciente» (*Mensagem*). É o que capta também aqui a intérprete, quando vê os personagens dos «Painéis» deixarem-se «ser conduzidos» por esse misterioso «transcendente a seu mundo terreno e humano», sendo por isso que há neles «a responsabilidade [...] impressa nos seus rostos graves e deles irradiando, como das mais visíveis e fundas realidades por nós ainda sentida quando hoje os contemplamos» (p. 41).

Contemplar é olhar de um certo modo. E dele releva o olhar penetrante das visões místicas. De mística tem sido qualificada a Autora que, em sua extensa obra escrita, revela um persistente esforço de ver o fundo (o mistério ou o oculto) da realidade visível. Mística ou vidente se revela também nesta perscrutação do enigma dos «Painéis» e do mistério neles anunciado. Sem, contudo, deixar de se servir de elementos auxiliares da sua leitura da obra de arte em questão. Formada, aliás, na sua juventude, em Histórico-Filosóficas, Dalila Pereira da Costa recorre à história de Portugal, às raízes célticas da nossa cultura, aos nossos poetas e escritores, aos místicos cristãos e à mística do Oriente, a factos reais e a mitos recorrentes, à filosofia e à

teologia, e a tantos outros subsídios que lhe permitem juntar à intuição ou visão mística uma variada especulação filosofante com que procura fundamentar aquela.

Qualquer espírito racionalista ou positivista terá dificuldade em pegar neste livro e seguir o seu discurso. Eles pertencem a um registo de pensamento que lhes é estranho. Trata-se, de resto, de interpretação; e as interpretações são discutíveis. E a si mesmas se reconhecem como tais. Mais ainda quando sabem que procuram dizer o indizível. Esse foi o esforço da Autora deste livro, esforço que deve ser reconhecido como notável e que, sem dúvida, constitui um valioso contributo para uma visão do ser e da história de Portugal para além do que neles se nos dá na pura e nua ordem dos factos experimentalmente verificados ou verificáveis.

A apresentação gráfica e editorial do livro é de uma grande perfeição e beleza. Encadernado, com sobrecapa em que aparece um pormenor dos «Painéis» e enriquecido com a reprodução integral dos mesmos em extra-texto desdobrável, no interior.

JORGE COUTINHO

SIMÕES, Antero, **O Deus e os Homens de Leonardo Coimbra**, ed. do Autor, Póvoa de Varzim, 2005, 512 p., 235 x 155, ISBN 972-99603-0-5.

O autor foi estudante de filosofia nos anos 50, no então Instituto Filosófico Beato Miguel de Carvalho, em Braga, sucessivamente transformado em Faculdade de Filosofia e integrado na Universidade Católica Portuguesa. Fez a tese de licenciatura sobre Leonardo Coimbra. Foi um precursor dos estudos sobre este eminente pensador, mestre e fundador do que, por